

LAÇO DE QUATRO TENTOS

O Boletim do Rotary Club de Pôrto Alegre-Leste publica, no presente número, "LAÇO DE QUATRO TENTOS", do renomado vate gaúcho MARQUES DA ROCHA, como uma justa e merecida homenagem aos gloriôsos Farrapos:

Das madrugadas de lutas,
Quando a raça amanhecia,
Quando o Rio Grande nascia,
Lá por mil e setecentos...
O Destino, Deus da terra,
Que nas suas redes encerra
A fôrça e o rumo dos ventos,
Na sua urdidura mansa,
Já foi extendendo a trança
De um laço de quatro tentos.

Das chapados da Laguna,
Sangue Luso-Brasileiro,
Tento fidalgo altaneiro,
Sangue de ilhéu açoriano,
Misturou-se ao sangue quente
Do negro, êste Rei plangente
Destronado soberano,
Que nos trouxe como herança,
A nostálgica lembrança
Do Continente Africano.

Êste outro tento sangrento
Do peito escravo humilhado,
Que em tempos idos alçado
Aos tropéis de liberdade,
Soltava um grito de guerra...
Depois, curvado na terra,
Remordido de saudade
No seu sangue generoso,
Deu-nos o toque formoso
De uma altaneira humildade.

Dos limites imprecisos,
Que a guerra avança e recúa,
Outro anseio de alma crúa
Desceu da Alemanha austêra...
E um capacete de aço,
Deu mais um tento prá o laço,
No lombo de uma galêra,
Veio arrostando a inclemência,
Deixando longe a querência
O teutônio de alma fêra.

A juba ruiva do leão,
Como espantalho do abutre,
Êste louro que se nutre
Dos banquetes da coragem,
Trouxe de longe fechado,
Um sangue azul, resguardado
Da escória e da mestiçagem,
Pra fundi-lo arrogante,
Neste destino gigante
De um povo de alma selvagem.

E o sangue Mediterrâneo
Do puro berço Latino,
Tornou-se Continentino
Na pira da imigração...
Na maviosa sinfonia,
Que se aliando à soberbia
do Prussianismo Alemão,
Deu impulso e deu alento,
Amarrando o quarto tento
No laço da formação.

O destino trançador,
Da argola do pensamento,
Foi puxando tento a tento,
Esta raça farroupilha,
E o índio, fêcho de ouro,
Foi nesta trança de couro
O botão de uma presilha...
Gaúcho de alma bravía,
Nasceu como a ventania
Em cima de uma coxilha.

Como uma fâmula ao vento,
Despontando ao sol do dia,
Esta raça que nascia
No Rio Grande a terra crúa,
Fez da lança o rude esteio,
De palco fez o rodeio,
De braço a testa nua...
De teto a copa do umbú,
De armadura o couro crú
De norte a caimbra do freio.

Do cavalo a inspiração,
Da crença chucra o destino,
Abarbarado e teatino,
Mais teimoso que um gavião...
Do arreo fez o seu trono,
Da presença um rude entono,
De monarquia a amplidão...
Foi mais solto do que o vento,
Mais livre que o pensamento
Mais sem dono do que o chão.

E êste é o sangue que nós termos,
Dolente lânguido e forte,
Mais rijo que o vento norte,
Mais brando do que os lamentos...
Mais impetuoso que um potro,
Nós herdamos dum e doutro,
As tristezas e os alentos...
Neste Brasil que é uma ensilha,
Nós somos como a presilha,
De um laço de quatro tentos.